

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

LUDMILA COELHO ADAUTO DA COSTA

“EU SOU FEITA DESSA TERRA”

Um estudo sobre comida, memória e afeto na poesia de Cora Coralina

Brasília

2021

LUDMILA COELHO ADAUTO DA COSTA

“EU SOU FEITA DESSA TERRA”

Um estudo sobre comida, memória e afeto na poesia de Cora Coralina

Artigo apresentado ao curso de Letras -
Português da Universidade de Brasília -
UnB, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada.

Orientadora: Profa. Dra. Fabrícia Wallace
Rodrigues

Brasília

2021

Ao pequeno Arthur, a quem desejo sonhos imensos.

AGRADECIMENTOS

À memória de Maria Elvira, minha bisavó, responsável pela relação de amor que a minha família tem com a cozinha, e que é passada de geração em geração.

Aos meus avós Terezinha e Milton, por cada ida ao moinho d'água para buscar fubá, por cada folha de couve colhida da horta, por cada bolo feito a quatro mãos, pela infância mais rica que uma pessoa pode sonhar ter.

À minha mãe Jacqueline, que compartilha comigo os sabores e as memórias que influenciaram imensamente cada palavra aqui escrita.

À minha tia Fábiana, que mantém meus pés na roça e minhas mãos na terra e no polvilho. Que não me deixa esquecer do cheiro do tacho no fogão à lenha.

Ao meu tio Shakespeare que, com esse nome imponente, me ensinou sobre arte e sobre escutar com os ouvidos e com o coração.

Ao meu grande exemplo, Marcelo, que ocupa tantos cargos na minha vida. A ele, que me é acolhimento, generosidade, amor; que me ensinou que, mesmo nos terrenos mais áridos, brotam flores delicadas.

Ao meu companheiro Lucas, com quem tenho o imenso privilégio de dividir a vida, das minhas raízes às nossas descobertas. Palavra nenhuma é suficiente para agradecê-lo, e jamais será.

À terra para onde sempre retorno, ainda que em sonho, Orvalho, no interior do interior das Minas Gerais.

À minha orientadora Fabrícia, que guiou meus passos, tão gentilmente, em busca da poesia dos frutos da terra. Que me fez acreditar na beleza que há na minha origem rural.

“Eu sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra.
Minha pena é a enxada do plantador, é o arado que
vai sulcando para a colheita das gerações.”

Cora Coralina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. RELAÇÕES DETRAQUÊ.....	9
3. BISCOITOS, QUITANDAS E BREVIDADES	12
3.1. Memória, gosto, melancolia.....	12
3.2. O fogo sagrado e o princípio da comensalidade.....	14
3.3. O cheiro doce da lembrança.....	16
4. ABELHA NO SEU ARTESANATO.....	18
5. UM VELHO AMOR CONSAGRADO.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

Pegue duas madeiras grossas e coloque uma de um lado e outra, do outro, sem deixar que elas cheguem ao fundo do fogão. No espaço que sobra entre as madeiras mais grossas, coloque papel, jornal, papelão ou, o bom mesmo, caixa de ovo, e complete o espaço com gravetinhos pequenininhos e trance-os sobre o papel. Em cima disso, jogue álcool ou um fio de óleo. Nunca acenda por cima! Sempre coloque fogo nos papéis de baixo primeiro.

“E aí rapidinho o fogo pega...”, ensinou tia Fábia.¹

¹. Tutorial de como acender um fogão à lenha a partir de uma mensagem de áudio. Transcrição e adaptação minhas.

1. INTRODUÇÃO

“*Parece que eu sou feita dessa terra*”. Esta frase me foi dita pela minha tia, durante uma conversa em que ela me contava quão orgulhosa estava pela colheita do milho – que ela plantou e cultivou dedicadamente – ter sido bem sucedida. Por algum motivo, essa fala ficou marcada em mim, pulsante, e a cada contato com aquela terra fértil, voltava à minha mente com a força de uma avalanche.

Por coincidência – ou não – esse mesmo dizer reapareceu, agora pelas palavras autobiográficas da brilhante doceira, cozinheira e poeta Cora Coralina que, do interior do estado de Goiás, exaltava sua identificação profunda e amorosa com a terra. Ela, assim como minha tia, estabeleceu com a terra uma relação tão íntima que tornou-se, ela própria, a terra, a árvore, o tronco, a raiz, a folha².

E é a partir dessa vivência essencialmente rural que eu me conecto tão visceralmente às vivências de Cora Coralina. Assim como ela, eu nasci numa pequena cidade do interior do Brasil e me vi isolada, graças à distância grande para as minhas pernas tão curtas à época, das crianças da minha idade. O Sítio da Cachoeirinha, situado na cidade de Lima Duarte (MG), de onde eu orgulhosamente vim, era tudo o que eu conhecia durante a minha infância, e foi responsável por fazer de mim parte integrante dessa terra fecunda.

A vida rural traz consigo, no entanto, uma difícil característica, em especial para as crianças, que é a solidão. Enquanto Aninha (nome de batismo de Cora Coralina) conversava com as formigas³, eu fazia amizade o porco e com o bezerro, que mais tarde virariam – assim como grande parte dos animais da roça – alimento da família por um longo período.

Essa solidão também me proporcionou o contato precoce com a música e com a literatura. Desde muito cedo, minhas memórias têm a trilha sonora de Raul Seixas, que me chamava para ver o trem surgindo de trás das montanhas azuis. Pelos mesmos ouvidos atentos, chegaram os primeiros audiolivros, meus companheiros mais fiéis durante os anos em que a leitura ainda não era do meu domínio.

Através das mãos da minha avó, provei as mais variadas receitas à base de milho, sacerdote da terra⁴, por ser um recurso que tínhamos em abundância, e pelas broas, bolos, angus,

². CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. São Paulo: Global, 2012, p. 80

³. *Ibid.*, p. 81

⁴. CORALINA, Cora. *Melhores Poemas: Cora Coralina*; seleção Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2017, p.211

quireras e pamonhas conheci o cheiro da lenha queimando no fogão feito de barro. Conheci a horta como a principal fonte de nutrição da casa, e também o desespero de quando o frio era tanto que as verduras não aguentavam, queimavam com as gotas congeladas de orvalho, e viravam nada além de comida para as galinhas.

Acompanhei o longo processo de produção das compotas e geleias das mais variadas frutas, todas feitas nos tachos de cobre sobre o fogo lento do fogão à lenha. Subi em árvores, colhi amoras, busquei laranjas e me assustei com os bichos esqueléticos nas goiabas. Desde então, sinto que assim como minha tia e Cora Coralina, também sou feita dessa terra.

Cada uma dessas experiências me permitiram compreender os poemas de Cora Coralina de uma maneira tão íntima que se tornou difícil delimitar onde acaba *ela* e começa *eu*. E acredito que isso aconteça frequentemente com as leitoras dela, a mulher mais antiga do mundo⁵.

Nesse sentindo, a partir do contato com esse sentimento que, por mais íntimo que pareça, acaba por ser coletivo, surgiu a questão problema a ser desenvolvida com a pergunta: como a comida, em suas diversas camadas de significado, pode ser responsável por criar e ativar memórias tão profundas a ponto de gerar sentimentos de pertencimento e acolhimento? Como esses sentimentos, através do fluir da memória, são capazes por despertar até mesmo reações físicas, que ultrapassam a barreira da subjetividade?

Proponho, portanto, no artigo a seguir, uma análise dos poemas da escritora-personagem a partir da exaltação da comida como recurso de evocação da memória afetiva. Pretendo tratar dos aromas, sabores e texturas, que de tão marcantes, se fazem presentes em inúmeras passagens da obra da poeta. A fragilidade das relações familiares, o desenvolvimento das várias Coras e o forte sentimento telúrico são aspectos também relacionados diretamente com o fazer culinário.

Para tal análise, me valerei das palavras de Massimo Montanari, Gustavo Barcellos, Maurice Halbwachs. Luís da Câmara Cascudo, Gilberto Freyre e outros nomes de influência na discussão sobre cultura, memória e gastronomia.

Sou mais doceira e cozinheira
do que escritora, sendo a culinária
a mais nobre de todas as Artes:
objetiva, concreta, jamais abstrata
a que está ligada à vida e
à saúde humana.⁶

⁵. CORALINA, Cora. “*Vintém de Cobre*”: Meias Confissões de Aninha. São Paulo: Global, 2012, p. 82

⁶. CORALINA, Cora. “*Meu livro de cordel*”. São Paulo: Global, 1987, p. 57

2. RELAÇÕES DETRAQUÊ⁷

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. Anna, como tantas outras, em homenagem à Sant'Anna, padroeira da Cidade de Goiás. “Quando nascia uma menina numa casa, davam-lhe logo o nome de Ana; nascia outra, era Ana, de modo que a cidade era cheia de 'anas': Aninha, Anica, Niquita, Niquinha, Nicota, Doca, Doquinha, Doquita... Tudo isso era Ana.”, disse Cora Coralina na entrevista veiculada pela TV Brasil em setembro de 2009⁸.

Essa Ana, nascida às margens do Rio Vermelho, menina do coração pulsante, tornou-se, aos 14 anos, Cora Coralina. Nome forte e singular, responsável por evidenciar ainda mais a personalidade incomparável daquela que o carregou até o fim de seus dias, em abril de 1985.

Aninha, que ainda não era Cora Coralina, passou a infância no interior do estado de Goiás, na Fazenda Paraíso, cenário das tantas memórias, nem sempre alegres, trazidas à tona pela escritora-personagem. As características atribuídas a ela são, em maioria, severas demais para uma criança tão pequena, e a dor causada por esses inúmeros adjetivos é repetidamente apresentada nos poemas.

A mais nova entre quatro filhas, já nasceu desprezada por ser mais uma menina. O desejo de um filho homem era geracional, e foi intensificado pela condição de doente irreversível de seu pai, um homem velho, de quem era vista como retrato vivo⁹. No poema “Menina Mal-Amada”, ela replica a história de sua nascença hostilizada:

Decorreu sua gestação com a doença irreversível de meu Pai,
desenganado pelos médicos.
Era justo seu desejo de um filho homem
e essa contradição da minha presença se fez sentir agravada
com minha figura molenga, fontinelas abertas em todo o crânio.
Retrato vivo de um velho pai doente, diziam todos.
Me achei sozinha na vida. Desamada, indesejada desde sempre.
(CORALINA, 2012, p.81)

Desde o início da vida, portanto, ela sentiu na pele a dor de ser a personificação das

⁷. “Fui menina chorona, enjoada, moleirona. Depois, inzoneira, malina. Depois, exibida. *Detraquê*. Até em francês eu fui marcada.”. Do francês, *détraqué*: fora de sintonia; desequilibrado; perturbado. (CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre*: Meias Confissões de Aninha. São Paulo: Global, 2012, p. 87)

⁸. Programa “De Lá Pra Cá”, exibido em 21/9/2009. Disponível em: <http://bityli.com/gPs4g>. Acesso em 26 de abr. de 2021.

⁹. CORALINA, Cora. *Melhores Poemas*: Cora Coralina; seleção Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2017, p.81

frustrações da própria mãe e reproduzia repetidamente as ofensas proferidas por diversos membros da família. E com tanta insistência essas características foram sendo atribuídas a ela que a própria menina tomou como verdade, por mais rudes que fossem as palavras. Cada um desses insultos ficou marcado na personalidade de Cora Coralina de maneira profunda e irreduzível, e prova disso é que ela repete, com convicção, os dizeres alheios:

Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalorado.
De pernas moles, caindo à toa.
Um velho tio que assim me via dizia:
'- Esta filha de minha sobrinha é idiota.
Melhor fora não ter nascido!
(CORALINA, 2017, p.70)

Assim é construída a imagem de Aninha, criança solitária, preterida, aquela cujo sentimento de rejeição e não pertencimento é reiterado avultadamente pelos membros da família, a incluir as irmãs mais velhas da menina, de quem partem atos duros de repulsa. Em “Minha Infância”, a poeta aborda a falta do vínculo fraterno:

Companhia indesejável – sempre pronta
a sair com minhas irmãs,
era de ver as arrelias
e as tramas que faziam
para saírem juntas
e me deixarem sozinha,
sempre em casa.
(CORALINA, 2017, p.68)

Percebe-se, portanto, que a fragilidade da relação familiar e a falta de afeto são aspectos muito marcantes na poesia. No entanto, há algumas figuras que transgridem a brutalidade direcionada à protagonista e representam a personificação do afeto. Não por coincidência, o aparecimento destas personagens sempre vem acompanhado de agrados em forma de comida.

Surgem, então, mulheres que, dentro do contexto da Fazenda Paraíso, são como oásis de carinho para Aninha e, por consequência, são as responsáveis pelos breves momentos em que a menina entra em contato com a sensação de acolhimento, de pertencimento. E quando essas mulheres manifestam-se, trazem consigo um traço comum, que é a maneira como demonstram o afeto através da comida.

De volta ao poema “Menina Mal-Amada”, Cora Coralina revela sua relação de cumplicidade com duas dessas figuras, a bisavó e a tia Nhorita. Ao lembrar as misérias da

vida, os sonhos falidos, as humilhações, a solidão, o que traz conforto é a lembrança doce dos quitutes repartidos com ela:

Passei a ser *detraquê*, devo dizer, isto na família.
A família limitava. Jamais um pequeno estímulo.
Somente minha bisavó e tinha Nhorita.
Vou contando.
[...]
me mandou pra casa, toda mijada, sofrida, humilhada, a mão em fogo.
Em casa ganhei umas admoestações sensatas.
A metade compadecida de uma bolacha das reservas de minha bisavó,
e me valeu a biquinha d'água, o alívio, a mão escaldada.
[...]
O bem que eu entendia era a bolacha que me dava minha bisavó
e os biscoitos e brevidades da tia Nhorita.
Estes, entravam no meu entendimento. Do resto não tinha nenhuma noção.
(CORALINA, 2017, p. 86-87)

Em outras circunstâncias, o acolhimento vem diretamente da cozinha, por meio das solicitações de Siá Lizarda, a criada da casa, ou pelas mãos de Mãe-Preta, a cozinheira. E até mesmo da própria Cora Coralina, que exprime o ato de cozinhar como a materialização de valores e sentimentos a serem compartilhados, especialmente quando visto como um ato de resistência ao sofrimento emocional e físico.

Nesse contexto, fica evidente o caráter simbólico da comida na consolidação da identidade da poeta-doceira, e cujo ambiente que estampa amparo é a cozinha, e também é nela que as coisas nascem e renascem. Em anuência a esse ponto de vista está o psicólogo e mestre em psicologia Gustavo Barcellos que, na obra *O Banquete da Psique* trata das questões emocionais e culturais ligadas ao ato de comer.

As memórias cadentes que se ligam a esse espaço da domesticidade mais profunda fazem dele, fazem da cozinha, uma sala de estar dentro de nós. Junto a um fogão de lenha aceso há conversas muito sinceras, de confissões desejadas. A cozinha é um centro afetivo da casa, é o coração da casa. Evoca um centro criativo. Estar na cozinha é estar dentro de um coração. Cozinha: metáfora da alma.
(BARCELLOS, 2020, p.37)

Um elemento significativo a ser ressaltado é a naturalidade com a qual o comportamento brutal era direcionado às crianças e, ao meu ver, o excesso de castigos corporais (palmatória, chineladas, cacos de louça amarrados no pescoço, crianças amarradas ao pé da mesa) tem relação íntima com a atribuição da comida como representação afetiva. O carinho não chegava através de um colo quente, afagos, cafunés ou palavras acolhedoras, mas por meio das bolachas

divididas, das brevidades, das broinhas de milho.

3. BISCOITOS, QUITANDAS E BREVIDADES

3.1 Memória, gosto, melancolia

Falar de Cora Coralina é, acima de tudo, falar em memória. As duras vivências nos tempos de criança, bem como as que sucedem essa fase, quando a infância é deixada para trás e dá lugar à juventude pobre e desacreditada, até as mais tardias, marcadas pelo forte sentimento topofílico que a leva de volta à terra natal. Cada uma dessas fases é rememorada na obra da poeta-personagem, que narra com invejável riqueza de detalhes cada período de sua jornada.

A dor da criança renegada, nascida e crescida em um meio familiar constrangedor, é evidente e não pode, de forma alguma, ser ignorada. No entanto, entre essas feridas latentes, existem também lembranças afetuosas evocadas por texturas, aromas e sabores, que manifestam-se de maneira quase sinestésica nos poemas e contos da autora, o que torna propícia a evocação das memórias mais pueris do leitor, possibilitando que seja estabelecida uma relação mimética, de quase materialidade com a obra. Desse modo, não só as lembranças de Cora são estimuladas, mas as de quem as lê, também.

No poema “Moinho do Tempo”, é trazida à tona a memória de acolhimento em um momento carregado de incertezas e tristeza pelas condições distantes das ideais para uma jovem moça daqueles tempos.

Sentir a metade daquela bolacha que repartia comigo
o carinho da minha bisavó, na sua pobreza mansa.
Estender de novo minhas pequenas mãos de criança
para as quitandas, broinhas, brevidades
e biscoitos que me dava tia Nhorita,
ela, se findando numa velhice tão bonita
como outra igual não vi.
(CORALINA, 2012, p.23)

Identificar nesses versos a presença da memória autobiográfica¹⁰ a partir do carinho da bisavó e da tia Nhorita é experienciar o sentimento único que a comida afetiva pode proporcionar. Não se trata, aqui, de mesas fartas com variedade incontável (como as que

¹⁰. HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais LTDA., 1990.

habitam a imaginação popular), mas da consciência de que, mesmo na escassez, o compartilhamento daquela metade da bolacha tornou-se suficientemente significativo, a ponto ser, por si só, considerado um ato de carinho digno de ser retratado.

O entendimento de afeição é absolutamente individual e tem relação direta com as experiências vividas, contudo, a comida carrega consigo uma capacidade incomparável de gerar, e recobrar, memórias com tamanho grau de precisão que são abundantes as obras literárias que tratam desse tema ou que foram produzidas graças às regressões proporcionadas pelo contato com a comida afetiva. Por sinal, eis aqui o que entende-se por comida afetiva (ou comida de alma):

E também aquela comida que nos aconchega e nutre para além do nível físico, da necessidade biológica, comida que nos envolve em imagens, mantendo-nos alimentados em nossa dimensão memorialista e afetiva, chamada comida de alma. [...] Esta, tão parecida muitas vezes, em suas reverberações emocionais, com a velha comida caseira, ainda mais íntima, repleta de conforto psíquico, ligando-nos às nossas raízes, nossas tradições pessoais, familiares ou regionais, que nos vincula com o lar, aquela comida carregada de lembranças felizes, um breve regresso ao lar da infância. (BARCELLOS, 2020, p.85)

As texturas, os aromas e os sabores ligados à comida afetiva têm, de fato, a capacidade de transportar a alma para outros tempos. Volta-se à infância, a um momento de aconchego, de amor. É como reviver, em uma fração de segundo, uma lembrança boa. É, nas palavras de José Maria Cançado, “um alçapão da memória involuntária, da memória afetiva que se abre e se escancara [...]”¹¹.

Marcel Proust, a exemplo, na icônica obra *Em Busca do Tempo Perdido*, narra a surpreendente sensação experimentada ao levar à boca uma colherada de chá e um pedaço de *madeleine*¹².

Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos seus desastres, ilusória sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou, antes, essa essência não estava em mim, era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo [...]. (PROUST, 2006, p.43-44)

¹¹. CANÇADO, J.M. *Proust: as intermitências do coração e outros ensaios*. São Paulo: UFMG, 2008, p. 33

¹². Bolinho doce francês, tradicionalmente produzido em formato de concha. Amanteigados, de crosta fina e dourada.

Ao experimentar a *madeleine* embebida em chá, o autor não só rememora um sabor da infância, mas sente-se, efetivamente, revivendo um momento da infância, o que confirma a universalidade do sentimento de afeto relacionado à comida.

3.2 O fogo sagrado e o princípio da comensalidade

De volta às memórias de Cora Coralina, ainda que haja um compreensível “repúdio invencível à palavra saudade, infância.”¹³, isso não a impede de recordar esses momentos de menina de forma idílica. Há na sua obra diversas passagens de momentos em família em que ela descreve situações de comensalidade de maneira afável e carregada de nostalgia.

São várias as ocasiões em que a autora traz à tona as lembranças de uma noite habitual entre os moradores da Fazenda Paraíso, como no poema “Na Fazenda Paraíso”, em que a dinâmica familiar é ilustrada com abundância de detalhes:

Tia Nhá-Bá trazia pelo braço a velha mãe,
fazia-a sentar no meio do vasto canapé,
aconchegava o chale, ajeitava o saquitol das coisas misteriosas, inseparáveis e
acendia-se o braseiro.
De lado, bancos pesados, a mesa das refeições.
Meu avô puxava o tamborete da cabeceira, tomava assento.
Tio Jacinto vinha e se ajeitava, nós, gente menor, rodeávamos o fogo sentadas em
pedaços de couro de boi, pelo chão.
Gente grande nos bancos em fileira.
Ricarda, acorada, alimentava o fogo.
Ficávamos ali em adoração naquele ritual sagrado,
que vem de milênios, de quando o primeiro fogo se acendeu na terra.
Contava-se casos. Conversas infundáveis de outros tempos e pessoas mortas.
Às tantas, vinha da cozinha o pote de canjica, bem cozida, caldo grosso, colher de
pau revolvendo aquele conteúdo amarelado ou todo branco.
Tia Nhá-Bá trazia da copa um pote bojudo, panela funda de barro, cheia de leite com
sua nata amarelada e grossa, a concha a tirar, duas rapaduras cheirosas para serem
raspadas.
(CORALINA, 2012, p. 43-44)

O “ritual sagrado” da família é, para a criação da memória no âmbito familiar¹⁴, de suma importância. Em primeira análise, em concordância com a autora está o historiador Massimo Montanari, que afirma que “nos antigos mitos e nas lendas de criação, a conquista do fogo

¹³. CORALINA, Cora. *Melhores Poemas*: Cora Coralina; seleção Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2017, p.85

¹⁴. HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*, São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais LTDA., 1990, p. 60

representa (simbolicamente, mas também materialmente, tecnicamente) o momento constitutivo e fundador da civilização humana. [...] O controle do fogo em qualquer medida permite ao homem tornar-se divino, não mais ser submisso, mas senhor dos processos naturais, que ele aprendeu a controlar e modificar.” (2013, p. 56). Outro ponto a ser ressaltado é a relevância do ato de compartilhar não só o momento, como os alimentos. Ainda segundo Montanari, a atenção à detecção de recursos alimentícios é que “delimita um universo simbólico de grande riqueza que configura a mesa como metáfora da vida. A própria etimologia da palavra 'convívio' sugere isso, identificando o viver junto (*cum-vivere*) com o comer junto. [...] Ou seja, dividir a comida, na linguagem medieval, é um modo quase técnico de dizer que se faz parte da mesma família.” (Ibid., p. 159).

É coerente, portanto, que esses momentos de união familiar ao redor do fogo ou da mesa sejam lembrados com afeto, quando quem os retrata é uma menina cujo sentimento de rejeição é reiterado em diversas ocasiões ao longo da vida. Partilhar momentos tão íntimos, simplórios, mas abundante em simbolismos, é se reconhecer – e ser reconhecido – como parte integrante daquele sistema. É, de fato, um atestado de pertencimento.

Ainda nesse sentido, e apoiando-se sobre a relação conflituosa entre Aninha e suas irmãs, há também a importante fala do psiquiatra Victor Palomo, que expõe a “a inextricável associação entre comida, mesa, cozinha e o arquétipo fraterno.” (2020, p.18-19), uma vez que “o irmão 'define, em níveis mais avançados do que aqueles do influxo de pai e mãe, meu estar no mundo, meu amor pelo mundo' e que o irmão é a imagem que instaura na alma os discursos da diversidade e da semelhança nas diferenças [...]”.

Provando ser verdadeiramente indissociável a relação entre o arquétipo fraterno e a comida, há relatos (ainda que em volume consideravelmente menor) na obra coralínea de circunstâncias em que o compartilhamento de experiências com as irmãs foi positivo. Não por acaso, esses momentos surgem durante o exercício da prática comensal. Ainda no poema “A Fazenda Paraíso”, por exemplo, quando Cora Coralina conta sobre o ritual noturno em dias em que hospedavam as visitas, a memória fraternal é destacada:

Deixávamos as camas, passávamos a dormir no couro, o que adorávamos, nos colchões barulhentos de palha nova que ajudávamos a rasgar.
Um forro grosseiro e uma coberta de tear bastavam para nós.
Dormíamos de três a quatro juntas, e que sono!
Acordávamos cedo e corríamos para o curral.

Copos e canecas na mão e o primeiro apoio espumado e morno
tinha um gosto renovado e puro.

Depois, o mundo do engenho. A garapa da cana serenada,
a garapa fervida, o melado com mandioca cozida no respiradouro
[da fornalha,
“forrando o estômago” para o almoço às nove horas, invariavelmente.
(CORALINA, 2008, p.47-48)

Aqui, a autora aponta para uma sensação de harmonia possível, mesmo que pouco presente no âmbito familiar. Dessa forma, ocorre, indiretamente, entre as irmãs a “transmissão de riquezas, de genealogia, de conexões reais, mas também da memória”. (STALLYBRASS, 2013, p.4)

3.3 O cheiro doce da lembrança

Lembrar-se do cheiro de um bolo assando, da terra molhada após uma noite fria de garoa e ter a sensação de que é possível sentir novamente aquele sabor ou transportar-se a determinado lugar é evocar memórias intersensoriais, assim como acontece ao ler os poemas de Cora Coralina. Cada uma das características citadas pela poeta trazem consigo a ambientação necessária para a imersão, assim como em qualquer obra literária, mas acima disso, carregam a capacidade de ativar lembranças, o que permite tornar a percepção poética mais sensível a partir do apelo à emotividade, com base na sua relação de subordinação entre a memória e a formação de imagens intersensoriais.

À capacidade de um texto literário mobilizar múltiplos sentidos que se entrecruzam para a compreensão completa do contexto dá-se o nome de sinestesia, que é explicada com clareza por Maria das Neves Augusto Alencar de Sousa na tese “Sinestesia e indeterminação na poesia rimbaudiana traduzida para o português”:

Assim, buscando a sensorialidade em oposição à objetividade, a sinestesia se configura no conjunto de suas propostas estético-literárias. O poeta, então, associa certos cheiros a um certo tipo de realidade que envolve esferas sensoriais, anunciando uma expansão no âmbito da sensibilidade em que é possível sentir um cheiro e ao mesmo tempo provar a doçura da música, ou ainda ver uma cor. Partindo dessa concepção, a sinestesia pode ser definida como uma percepção simultânea capaz de provocar um efeito de totalidade pela associação de sensações diferentes.
(SOUSA, 2009, p.38)

Na poesia de Cora Coralina, são várias as ocasiões em que a autora traz à tona as lembranças da infância, carregadas de sabores, cheiros e costumes, como no poema “As Maravilhas da Fazenda Paraíso”, em os relatos se dão de maneira tão específica que funcionam,

praticamente, como um convite à mesa da família Lins dos Guimarães. É como se a lembrança que está sendo contada passasse a ser, também, a memória de quem lê.

Comia-se com vontade e comida tão boa como aquela nunca houve em parte alguma.

O arroz, fumaçando numa travessa imensa de louça antiga, rescendia a pimenta de cheiro. O frango ensopado em molho de açafrão e cebolinha verde, e mais coentro e salsa.

O feijão saboroso, a couve com torresmos, enfarinhada ou rasgadinha à mineira, mandioca adocicada e farinha, ainda quentinha da torrada.

(CORALINA, 2012, p.67)

Não é necessário que haja, por parte do leitor, experiência prévia com as iguarias descritas, no entanto, aos que têm alguma vivência com a cozinha caipira, o texto passa a desenvolver outro papel, muito mais rico em sensações.

Ler memórias roteirizadas de maneira tão clara como as de Cora Coralina, com grau de detalhamento ímpar, propicia que a poesia saia do papel e se transforme em uma experiência intersensorial, possibilitada pela memória afetiva de quem a lê. É possível sentir o cheiro dos condimentos e das ervas frescas expostas ao calor; fechar os olhos e imaginar, de maneira vívida, a cremosidade do feijão recém-feito, o calor da farinha, a maciez das folhas de couve cozidas à mineira¹⁵. É possível revisitar uma cristaleira antiga, cheia das imensas travessas para comportar o arroz, o frango e o molho.

A experiência de imersão na cultura familiar de Cora Coralina ocorre novamente no poema “Antiguidades”:

Quando eu era menina
bem pequena,
em nossa casa,
certos dias da semana
se fazia bolo,
assado na panela
com um testo de borralho em cima.

Era um bolo econômico
como tudo, antigamente.
Pesado, grosso, pastoso.
(Por sinal que muito ruim).

Eu era menina em crescimento.
Gulosa,
abria os olhos para aquele bolo

¹⁵. Couve finamente cortada, refogada em banha de porco e alho. Pode ser servida acompanhada ou não de torresmo.

que me parecia tão bom
e tão gostoso.

[...]

Era só olhos e boca e desejo
daquele bolo inteiro.
(CORALINA, 2017, p.97-98)

Aqui, a descrição do bolo torna possível que a sua consistência desagradável seja sentida, como se fosse possível experimentar a textura pesada e pastosa em atrito com os dentes, acompanhado do cheiro das brasas e do próprio cozimento do bolo. E no que tange à memória, a lembrança dos bolos degustados ao longo da vida e, principalmente, da infância, passa a ser determinante para que a leitura sinestésica aconteça. O sabor brota na fronteira entre a memória e a imaginação e mobiliza os sentidos.

O sabor expresso no gosto e no cheiro é imaginação; é memória, pois estes nos remetem a outros lugares, a sentimentos agradáveis (ou desagradáveis), a experiências vividas. Desta maneira experienciamos o mundo com o nosso corpo de sentidos – nossa corporeidade. Os sentidos são extensões desse corpo o qual é a própria geografia sensória que se desenha a partir de uma dada corporeidade, fundamento da experiência do mundo.
(GRATÃO&MARANDOLA Jr., 2011, p.62)

Portanto, a vivência individual interfere diretamente na maneira como a obra literária é compreendida, e é essa vivência que nos permite experienciar de maneira mais profunda os sentimentos que sobem à margem da consciência. Não se faz necessário nomear todas as coisas, mas a água que encharca a boca e os olhos não pode ser contida.

4. ABELHA NO SEU ARTESANATO¹⁶

É inegável, como dito até aqui, que a comida é um fator determinante para a compreensão dos afetos na obra coralínea, de forma que tamanha foi a importância atribuída a ela que Cora Coralina tornou-se doceira de renome. A menina tolhida, desacreditada, jamais incentivada, que encontrava acolhimento nos doces feitos pelas mulheres da Fazenda Paraíso, tornou-se, ela mesma, orgulhosa doceira. Seria, então, a afeição da poeta pela produção dos

¹⁶. CORALINA, Cora. *Melhores Poemas*: Cora Coralina; seleção Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2017, p.235

doces uma ligação inquebrantável com a infância?

Cora Coralina passou 45 anos distante da Cidade de Goiás e, ao voltar à Casa Velha da Ponte, acabou tornando-se doceira. Aliás, via-se mais como cozinheira e doceira do que escritora¹⁷. Relacionou-se com os tachos de cobre e com o fogão à lenha tão intimamente que, nos 14 anos dedicados à produção caseira de doces, conseguiu atribuir aos pequenos quitutes açucarados o *status* de *souvenir* da cidade, o que é especialmente significativo, uma vez que esse regresso à terra natal não foi de todo alegre. A recepção dos moradores não foi animadora, relata.

E quando eu cheguei, não fui recebida com festas, nem com flores, nem com fogos e nem com música, cheguei como uma estrangeira em sua própria terra [...]. A minha chegada me deu um impacto muito violento. Com o passar do tempo, dos dias, dos meses, dos anos, fui-me acomodando, me integrando, me identificando com a minha cidade"

(CORALINA, arquivo do acervo audiovisual do Museu Casa de Cora Coralina, 1985)

A intransigência direcionada ao retorno da mulher que, mais tarde se tornaria a pessoa mais importante do estado de Goiás¹⁸ deu-se graças ao que motivou seu afastamento. Aninha deixou a cidade do Rio Vermelho para casar-se com um homem 22 anos mais velho, de quem já esperava um filho. Com ele, seguiu até São Paulo, onde permaneceu entre os anos de 1911 e 1956. Ao retornar, viu-se julgada e estigmatizada pelos que ali haviam permanecido.

Quando Cora voltou para a Cidade de Goiás, as quatro décadas de ausência não tinham apagado a lembrança desse episódio: o exílio continuava, ela ainda se sentia uma excluída, "uma estrangeira na sua própria terra". Foi num campo de possibilidades marcado pelos preconceitos, constrangimentos e limitações que Cora Coralina lutou para realizar o projeto da escrita da memória. Portanto, o ofício de doceira pode guardar significados insuspeitos neste doloroso processo de reconciliação com o passado.

(DELGADO, 2002, p.66)

Fazer doces e vendê-los aos turistas foi, então uma maneira de Cora Coralina se reconectar à terra e às memórias que ali foram criadas e, ao mesmo tempo, garantir suporte financeiro para conseguir publicar suas obras. Mais importante que esses dois pontos, aliás, é a satisfação descrita por ter feito “nome de doceira”. Para ela, fazer doces era, também, uma forma de comunicação, pois através deles, pessoas adentravam sua casa, sentavam-se e

¹⁷. CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. São Paulo: Global, 2012, p. 109

¹⁸. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Cora Coralina, de Goiás* In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 1980

conversam com ela, reacendendo o hábito comensal tão vivenciado durante a infância. Fazer – e comer – doces é, então, de certa forma, uma maneira de manter sempre vivas as memórias relacionadas aos sentimentos de acolhimento da infância.

Assim devia ser.
Fiz um nome bonito de doceira, glória maior.
E nas pedras rudes do meu berço
gravei poemas.
(CORALINA, 2017, p.168)

O apreço de Cora Coralina pelo ofício de doceira era, aparentemente, até maior que pela sua literatura. O sentimento de orgulho foi manifestado diversas vezes não só na produção literária da poeta, mas também nas várias entrevistas que deu ao longo de seus últimos anos de vida.

O tempo em que eu fazia doce foi um tempo maravilhoso. Um tempo em que eu me sentia realizada. Fui feliz com a minha fabricação doméstica de doce. Fiz doce para ganhar dinheiro, precisava de ganhar esse dinheiro. Apelei para os tachos e para os doces de fruta. Fiz os melhores doces da minha cidade e talvez, vamos dizer, do meu país mesmo. Acredito que em doce ninguém trabalhasse melhor que Cora Coralina e fiz, sobretudo, meu jovem, um nome bonito de doceira, meu orgulho maior.
(CORALINA, arquivo do acervo audiovisual do Museu Casa de Cora Coralina, 1985)

Parte dessa entrega, no entanto, deve-se à dificuldade enfrentada por ela na tentativa de publicação de suas obras. O sentimento de preterimento vivido com tanta intensidade na infância estava de volta, agora pelos amigos literatos, que não davam a ela a credibilidade esperada. Em entrevista cedida em 1968 ao escritor e jornalista Miguel Jorge, Cora Coralina disse que, ainda que tivesse muito a dizer sobre a história de Goiás, não foi procurada pelas revistas que iam chegando ao estado. E essa tristeza acabou por aproximá-la do encargo de doceira.

Meus amigos me esqueceram. As revistas que apareceram em Goiânia, jamais me pediram uma crônica sequer. Eu poderia ter colaborado e muito. Havia muita coisa a ser escrita dentro da história de Goiás. Preferiram encomendar crônicas de fora, Eneida e outros nomes, que falavam da Guanabara. Eu fui ficando de lado, angustiada, aborrecida, frustrada. Por isso dediquei-me de corpo inteiro a fabricação de doces, sem deixar de escrever meus contos e poemas. É uma espécie de revolta que tenho comigo. Escrevi bastante naquela época, mas nunca bati na porta de ninguém para a publicação de meus trabalhos. [...] Aí está o motivo de meu apego aos doces, é uma réplica a esse alheamento que os jornais fizeram da minha pessoa literária.
(CORALINA, entrevista cedida à Folha de Goiás, 1968)

Ao dizer que o que motivou seu apego aos doces foi o desinteresse alheio em seu trabalho como escritora, Cora Coralina reitera que a relação entre *doceira e seus doces* é de simbiose e traz à luz a existência do doce metafórico que, assim como um *doce lar*, diz respeito à profundidade das conexões entre a domesticidade e a experiência reconfortante da intimidade da casa (BARCELLOS, 2020, p.139).

O açúcar, o doce, traz sempre uma fantasia de afetividade, de candura. As relações sempre profundas entre açúcar e coração levam-nos, por exemplo, ao hábito de presentear com doce. [...] Celebração ou consolo, o doce denota afeto. Em geral, o doce desmancha na boca, convertendo em suavidade as durezas e as asperezas da vida. Excessos de açúcar são, portanto, excessos de coração. [...] O açúcar compensa mágoas, equilibra conflitos internos, apazigua ansiedades, modela angústias. Faz dormir, faz sonhar. Açúcar é carinho, carinho que ofertamos a nós mesmos ou aos outros.

(BARCELLOS, 2020, p.139-140)

Portanto, apegar-se à produção dos doces é uma busca por estabelecer vínculos, seja com as memórias afetivas da infância, com sua terra natal ou com a produção literária. Todas essas possibilidades vão ao encontro da tentativa de afirmar sua identidade e atenuar o sentimento de exclusão. Mais uma vez, é atribuído à comida o papel de rememorar uma ternura pueril e engendrar memórias próprias de uma região. Cada doce cuidadosamente embalado pelas mãos laboriosas de Cora Coralina levava consigo uma parte do coração da poeta-doceira.

Dessa maneira, fazendo doces e escrevendo poemas, Cora Coralina se comunicou com o mundo de modo tão visceral como só ela sabia. Hoje, é possível conhecer a história da menina nascida na Casa Velha da Ponte através dos poemas, e sentir um pouco do amor de Cora no sabor dos doces que eternizam as memórias descritas. A menina Aninha está lá, em cada grão de açúcar vagorosamente caramelizado no tacho de cobre sobre o calor intenso da lenha, que mantém vivo o calor de sua infância.

5. UM VELHO AMOR CONSAGRADO¹⁹

Falar de comida é tratar de ingredientes, preparos, texturas, cheiros e gostos, no entanto,

¹⁹. CORALINA, Cora. *Melhores Poemas*: Cora Coralina; seleção Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2017, p.235

para que haja algo a ser servido, é necessário reconhecer a importância da terra fértil, de onde nascem os grãos, as frutas e os vegetais; de onde brota o capim que alimenta o gado; de onde vem o sustento do lavrador. É da terra que surgem todas as coisas – direta ou indiretamente. Cora Coralina não só sabia disso, como produziu inúmeros poemas cuja temática é a exaltação da terra e seus frutos. A poeta aprofundou seu relacionamento com a lavoura de tal maneira que passou, ela mesma, a ser terra, semente, árvore, espiga.

Há, na poesia coralineana, a profunda valorização das vivências rurais, a começar pelas memórias frequentes da Fazenda Paraíso, cenário recorrente nas lembranças da poeta, tão rico em símbolos socioculturais. Dentre essas lembranças, está a época de criança retratada em “As Maravilhas da Fazenda Paraíso”, que evidencia que o forte vínculo afetivo entre a poeta e o ambiente bucólico da roça se dá desde o início de sua vida:

Vinha dos campos e da mangueira um cheiro fecundo
de vegetais e de apoio, mugidos intercalados de vacada,
que à tarde mensalmente descia dos pastos,
procurando a frente da fazenda.
O terreiro rústico participava desses encantamentos.
Naquela comunhão sagrada e rotineira, a gente se sentia feliz
e nem se lembrava de que não havia nenhum dinheiro na casa.
(CORALINA, 2017, p.131)

O amor de Cora pelo meio rural é perceptível no trecho; aliás, não só amor, mas um sentimento de embevecimento. O relato, carregado de nostalgia, explicita até mesmo o teor sagrado atribuído às lembranças advindas da terra, sendo esta tão rica em significados que torna possível ignorar, ainda que temporariamente, a contrastante pobreza material. Tem-se, então, uma sensibilidade latente às coisas da terra, e a essa sensibilidade é atribuído o termo *geopoética*:

Dizer sensível, se sentir sensível sempre pressupõe o encontro com algo; e, pelo encontro, ser afetado por esse algo. Dizemos sensível para nos reportar às sensações, emoções, ideias despertadas em nós a partir do encontro com algo. Assim, podemos colocar, que o acontecimento geopoético se origina do estar sensível à Terra.
(PAULA, 2015, p.59)

Geopoética é, segundo a geógrafa Fernanda Cristina de Paula, uma maneira poética de compreender a geografia e a “a relação do homem com o lugar e se abrir à possibilidade de pensar essa relação também na sua dimensão sensível, na cumplicidade entre homem e Terra: expressa nas artes, nos sentimentos, nas emoções das pessoas em relação aos seus lugares”

(2015, p.54). Portanto, os momentos de encantamento vividos por Cora Coralina com as coisas da terra, bem como outros sentimentos encontrados ao longo da experiência literária da autora, tais como vertigem, catarse e angústia, exemplificam o dito momento geopoético.

O forte sentimento topofílico, outro traço constante nos recortes da memória apresentados nos poemas, também se repete com frequência, o que indica que a relação da autora com a terra é inabalável de tal maneira que, ela mesma, se metamorfoseia em terra, que é o que a aproxima daqueles que compartilham da mesma raiz. É o caso do poema “O Cântico da Terra”, em que, segundo a própria autora, demonstra um desejo profundo de produzir um poema que fosse “o hino do lavrador”, que estivesse “ao alcance da gente da roça, dos trabalhadores, dos humildes, dos ignorantes, que sentissem a pureza daquele poema, a unidade daqueles versos. Que fosse cantado nas igrejas.²⁰”:

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.
Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura do teu lar.
A mina constante do teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.
(CORALINA, 2017, p.222)

Aqui, embalada pelo ventre acolhedor da terra fecunda, Cora Coralina traz à margem o telurismo tão estimado que a acompanha desde a infância, quando a terra assume um sutil papel de metáfora ontológica da própria existência. Relacionar-se com a terra é firmar raízes, é pertencer essencialmente ao lugar onde habita a memória afetiva; É deixar aflorar a indomável sensibilidade coralineana, necessária para experienciar o momento geopoético.

[...] a Terra é experimentada como **base**. Não somente como ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda “posição” de existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer [...]. Nos convida a nos concentrarmos sobre essa base, nos coloca imediatamente em relação “com o lugar como suporte do Ser”.
(DARDEL, 2011, p. 40 In: PAULA, 2015, p.55 – grifos do autor)

²⁰. Cora Coralina, em entrevista ao programa Vox Populi, exibido em 1983. Disponível em: <https://bityli.com/z5sPZ>. Acesso em: 10/5/2021.

Ao adentrar de maneira um pouco mais aprofundada o dito aspecto telúrico na obra de Cora Coralina, urge compreender como esse termo se relaciona com o fazer poético e, mais que isso, entender o telurismo como, talvez, um dos traços mais evidentes e de maior relevância para a captação da alma da poesia coralineana, uma vez que “a terra é a força que inunda o universal da linguagem e todas as coisas que se igualam ao ser humano [...]” (VELLASCO, 1997, p.43).

Sabe-se, até aqui, que a relação que a autora estabelece com a terra e seus frutos é, alegoricamente falando, uma maneira de atestar pertencimento, de estabelecer uma base sólida de existência. No entanto, ao identificar o processo de metamorfose, em especial no fim da vida, pelo qual passa seu eu lírico, é possível compreender um movimento de fusão da mulher idosa com a simbólica imagem da primitividade. Ela, a mulher mais antiga do mundo²¹, vive em todas as coisas que nascem do chão.

Assim, diríamos que a força telúrica coralineana está enraizada na terra e, como já vimos, ela corrobora para a definição de sua poética, ela aparece em seu sentido primeiro como a *terra mater* “que dá nascimento a todos os seres [...]. Portanto, ao retomar o significado da terra em sua tessitura poética, dá-se o movimento da Gênese, onde tudo se cria e se recria. Comprova-se que só a substância telúrica é capaz de tornar possível a reconstituição da vida, de que a terra é geradora do movimento perpétuo da criação, cuja energia é capaz de regenerar o próprio ser e transformá-lo em guardador do cíclico da vida que a alquimia telúrica instaura.” (VELLASCO, 1997, p.46)

Nesse sentido, pensando no movimento cíclico da vida, é inevitável o retorno à terra. O mesmo solo que prolifera as mais variadas formas de existência também acolhe aqueles que voltam a ele. Pelo menos, é o que espera Cora Coralina, segundo o poema “Meu Epitáfio”:

Morta... serei árvore,
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo de vida vegetal.
Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia seu cântico
na música de seus versos.
(CORALINA, 2017, p.166)

²¹. CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. São Paulo: Global, 2012, p. 82

Na infância, ela admirava a terra. Na vida adulta, identificou-se tanto que tornou-se, ela mesma a terra. Findou a vida sendo símbolo maior da gleba, do amor profundo pela vida vegetal. Retornou ao solo e transformou-se em terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certa vez, me peguei chorando, profundamente emocionada, ao comer um pão de queijo. Não era um pão de queijo exemplar: não estava fumaçando ou exalando aquele cheiro quente e lácteo tão próprio. Não estava ao menos fresco. Era um pão de queijo dormido, embalado num saco de papel pardo já amassado. De fato, nada apetitoso. Mas havia um detalhe determinante que atestava a qualidade: minha mãe visitou minha cidade natal, para onde não volto há quase quinze anos, e me comprou aquele pão de queijo como um *souvenir*.

Sentir novamente aquele sabor me transportou diretamente para o Sítio da Cachoeirinha, onde eu nasci e cresci. Acendeu-se, de imediato, na minha memória as lembranças do cheiro da lenha queimando, do curau dourado e borbulhante no imenso tacho de cobre, das bolinhas perfeitamente simétricas saindo do forno, quentes e com um aroma irreproduzível, enroladas uma a uma pelas mãos afáveis da minha avó. Foi uma questão de segundos até que meu rosto estivesse coberto por lágrimas de nostalgia. Naquele momento, eu estava lá. Eu estava inteiramente lá.

Quando me propus a escrever sobre a poética coralineana, minha intenção era tornar evidente essa relação indissociável entre a comida e a memória afetiva, da qual a poeta trata com maestria. Acredito que esse tipo de sensação seja evocada ao ler Cora Coralina. É inevitável lembrar-se dos afetos familiares, das experiências vividas na infância e revisitar lugares, cheiros e sabores próprios de cada vivência.

Busquei entrar em contato com cada uma das densas experiências de Ana/Cora. Desde a criança rejeitada que sentia o calor do acolhimento através dos doces oferecidos pela bisavó e pela tia. Da adulta que, ao voltar à cidade natal, sentiu o peso de ser estrangeira na própria terra e só estreitou os laços com a sociedade local graças à produção caseira de doces – hoje símbolos da Cidade de Goiás. E da idosa que, ao se deparar com a finitude da vida, metamorfoseou em terra, raiz, tronco.

Todas as fases da vida de Cora Coralina, não por coincidência, foram marcadas por sabores, texturas e aromas, que foram ricamente descritos em sua obra autobiográfica, e ter acesso a tantas memórias me faz sentir imensamente privilegiada, principalmente por compartilhar da origem rural, do amor profundo pela terra e pelos frutos que dela nascem, do apego à comida.

Finalizo dizendo que, hoje, assim como Cora Coralina, como minha avó, minha tia e

tantas outras mulheres que passaram pela minha vida sinto que também sou feita dessa terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Gustavo. *Banquete da Psique: Imaginação, cultura e psicologia da alimentação*. São Paulo: Ed. Vozes, 2020.

BRITTO, Clóvis Carvalho. *Um teto todo seu: aspectos do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina*. Uberlândia: Caderno Espaço Feminino, 2011.

_____. *Dar que falar às bocas de Goiás: estratégias e repercussões do projeto criador de Cora Coralina no campo literário brasileiro*. Araraquara: UNESP/FCLAR, Laboratório Editorial, 2009.

_____. *“Sou Paranaíba pra cá”*: Literatura e sociedade em Cora Coralina. Goiânia, 2006.

_____; SANTOS, Robson dos. *Representações sociais do rural na poética de Cora Coralina*. Rio de Janeiro: Hispanista, 2009.

CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz de. *Poesia e Memória em Cora Coralina*. Goiás: Signótica, 2002.

CANÇADO, J.M. *Proust: as intermitências do coração e outros ensaios*. São Paulo: UFMG, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia da alimentação no Brasil*. São Paulo: Global, 2014.

_____. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Global, 2016.

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. São Paulo: Global, 2015.

_____. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2014.

_____. *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. São Paulo: Global, 2012.

_____. *Melhores Poemas: Cora Coralina; seleção Darcy França Denófrío*. São Paulo: Global, 2017.

_____. *Meu Livro de Cordel*. São Paulo: Global, 1987.

DELGADO, Andréa Ferreira. *Cora Coralina: a Poética do Sabor*. Goiás: Ilha, 2002.

FERREIRA, Marina Rossi; TORRES, Marcos Alberto. *Cora Coralina: uma poética sobre lugares e sabores*. São Paulo: Geografia, literatura e arte, 2020.

FREYRE, Gilberto. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Global, 2005.

GRATÃO, Lúcia Helena; JÚNIOR, Eduardo Marandola. *Sabor da, na e para a Geografia*. Florianópolis: Geosul, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais LTDA., 1990.

MONTANARI, Massimo. *Comida como Cultura*. São Paulo: Senac São Paulo, 2013.

OURIQUES, André Luiz Almeida. *Engenhosa sinestesia: espaço sensível e o uso dos cinco sentidos na literatura de José Lins do Rego*. Campina Grande: [s.n], 2013.

PAULA, Fernanda Cristina de. *Sobre geopoéticas e a condição do corpo-terra*. Rio de Janeiro: Geograficidade, 2015.

PINHEIRO, Sueli Reis. *BIOGRAFIA, CULINÁRIA E LITERATURA: a história do cotidiano com o tempero de Cora Coralina*. Niterói: Gênero, 2003.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann*. São Paulo: Globo, 2006.

RIBEIRO, Sofia Regina Paiva. *Cora Coralina, mulher-mãe-doceira-poeta e a relação de gênero e espaço na construção de sentidos e de identidade: contribuições no currículo da educação de jovens e adultos (EJA)* In: ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental, ano 05, no 07. Cruzeiro do Sul: UFAC/CEL (Campus Floresta), 2016.

SOUSA, Maria das Neves Augusto Alencar de. *Sinestesia e indeterminação na poesia rimbaudiana traduzida para o português*. Fortaleza: 2009.

STALLYBRASS, Peter. *O Casaco de Marx: Roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

VELLASCO, Marlene Gomes de. *O Eu multiplicado em Cora Coralina*. Goiás: Temporis(Ação), 1997.

_____. *Coralina: reconstrução poética da memória*. Ilhéus, 2007.

WRANGHAM, Richard. *Pegando fogo: por que cozinhar nos tornou humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.